

Será que a televisão vai desaparecer com a (re)descoberta do cinema?

Por Giselle Jacques*

Já faz muito tempo que a televisão, comportando-se como o meio de comunicação que mais se propaga pelo mundo, vem tomando emprestada a maioria das grandes obras realizadas no cinema - e outras nem tão grandiosas assim. Os mais antigos ainda podem lembrar-se da época não tão distante do nascimento da TV e das proporções com que o boato de que "a televisão vai acabar com o cinema" se espalhou naquele período. E, embora alguns mais céticos duvidassem do poder daquela telinha, em pouco tempo a caixinha de imagens superou as expectativas e tomou de assalto o público antes destinado ao rádio e às matinês.

Quando a indústria cinematográfica descobriu que a invasão de seu espaço poderia vir a se tornar rentável, a TV ganhou o privilégio de usar e abusar da exibição dos filmes que encantavam milhares de espectadores nas telas imensas de salas escuras. E essa interação tornou-se um hábito, uma certa comodidade a mais. A televisão passou a fabricar-se a partir de tudo aquilo que gerasse lucrativas filas nas portas dos cinemas. A popularidade das emissoras dava-se - como acontece ainda hoje -, além de novelas e telejornais, pela qualidade dos filmes que exibiam.

Assim que as TVs a cabo entraram no mercado, tiveram privilégio sobre os canais abertos no que se refere à exibição de filmes. Essa fatia custou às emissoras abertas muito de suas audiências. Uma parte delas investiu em programas de auditório, outra em novelas e séries importadas. Contudo, a maior das novidades só foi apresentada quando televisão conseguiu a proeza de reinventar o cinema.

Não estamos falando aqui de um novo estúdio ao bom e velho estilo de Hollywood, mas de inovações cinematográficas dentro da própria te-

levisão. Tudo teve início com a premiada série "Confissões de Adolescente", com pequenas e criativas histórias baseadas no livro de Maria Mariana e dirigidas por Daniel Filho. Utilizando-se de recursos e materiais vistos, até então, apenas em produções de cinema, a série trouxe para a TV brasileira capítulos em, nada mais nada menos, que película de 35mm. A série fez tanto sucesso que, depois de dois anos no ar, passou a ser produzida pela televisão francesa, conservando inclusive algumas de suas jovens protagonistas.

Os quadros de "A Vida Como Ela É", série recriada a partir de contos do polêmico escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues e adaptada para a televisão com Daniel Filho como diretor, foi o passo seguinte. Filmada em 35mm e mantendo a ambientação e os diálogos fiéis aos originais literários, a série ganhou em qualidade e requinte. Utilizando atores conhecidos do grande público e lançando mão de uma fotografia e cenografia excelentes, as histórias de dez minutos em média eram apresentadas aos domingos, como parte integrante da programação do Fantástico, da Rede Globo, e rapidamente ganharam a atenção dos telespectadores.

No mesmo ano em que "A Vida Como Ela É" chegava ao fim, surgia "A Justiceira", um seriado policial protagonizado por Malu Mader, com a direção de Daniel Filho, que acabou fazendo um certo sucesso junto à crítica e à audiência. Apesar de ser uma compilação um tanto medíocre de várias outras séries enlatadas vindas dos Estados Unidos, a história da mulher que passa por cima de tudo e de todos e não mede esforços para reencontrar seu filho seqüestrado atuou junto ao público como uma revolução em matéria de programação de TV.

Em 98, a linguagem cinematográfica encontra-se ainda mais próxima dos telespectadores de modo geral. Além de produzir em 35mm os capítulos do já consagrado programa "Você Decide", a Globo apostou em mais uma série brasileira de sucesso. "Mulher", também com a direção geral de Daniel Filho e grande elenco, estreou em abril deste ano e recria o ambiente hospitalar de séries aclamadas, como Plantão Médico e Chicago Hope (exibida atualmente por tv a cabo). São previstos 22 episódios, protagonizados pelas atrizes Eva Wilma e Patrícia Pillar. Veiculados sempre no horário nobre das quartas-feiras, os capítulos apresentam histórias independentes a cada semana, dando uma certa ênfase aos dramas pessoais entre médicos e pacientes e conquistando pela emoção.

Nunca cinema e televisão estiveram tão próximos em produções brasileiras como agora. Trocar o VHS pelo filme traduz o desejo de produtores e diretores de atualizar-se, interagindo técnicas e desafiando os padrões há muito estabelecidos. Com certeza, foi através das mãos e da visão de futuro de Daniel Filho, um dos grandes diretores de televisão da atualidade, que essa mescla se concretizou com tamanho êxito. E essa união TV/Cinema já vem influenciando outras produções antes puramente televisivas.

É o caso da minissérie Hilda Furacão, que mesmo gravada em formato vídeo, vem sofrendo modificações nada discretas. Não é coincidência que a fotografia e as tomadas de câmera lembrem as grandes produções de cinema. Até na abertura, os efeitos de iluminação e ângulos de câmera agradam. A direção geral de Wolf Maya abusa de inusitados recursos cinematográficos como guias, travellings e steadycams, captando planos de uma beleza digna dos grandes apreciadores da sétima arte.

Numa adaptação de Glória Perez para o romance de Roberto Drummond, os 31 capítulos de Hilda Furacão - estrelada pela belíssima dupla Ana Paula Arósio e Rodrigo Santoro - foram gravados num ritmo bastante acelerado. O próprio diretor já compara a eficiência da produção da minissérie a uma verdadeira equipe de cinema. E não era para

menos, já que as locações externas e as cidades cenográficas das emissoras de televisão nada deixam a dever aos estúdios hollywoodianos.

Toda essa tentativa - quase desesperada, pode-se dizer - de integrar o filme dentre os domínios do vídeo vem demonstrar o quanto os pessimistas de outras décadas estavam enganados. A televisão não vai e nem nunca pretendeu acabar com o cinema. Ao contrário, a película talvez seja a base que estava faltando para que a TV assumisse uma postura mais digna e rica perante o público, transformando a si mesma em arte além da mídia.

Vista como um produto de consumo, a televisão perdeu pontos em todos estes anos de programação obsoleta. Em contrapartida, o cinema vem, quase que diariamente, dando demonstrações de aprimoramento que superam em muito as expectativas com bilheterias milionárias. Não era de admirar que uma das potências da comunicação acabasse unindo forças com sua co-irmã mais velha para fazer da programação local de televisão um acessório a mais no contato direto com seu público.

Só o que está faltando agora é a televisão brasileira incrementar um pouco mais suas já audaciosas produções ao ponto de fabricar novelas e minisséries em película. Vestindo-se de cinema, a TV ganha um perfil mais atuante e, por que não dizer, sofisticado. Já que o filme vem ganhando adeptos até mesmo entre os telespectadores mais convencionais, essa é uma agradável inovação do universo da telinha.

* Aluna do curso de Especialização em
Produção Cinematográfica
FAMECOS - PUCRS